

AS CORDIAIS MULHERES OLÍMPICAS BRASILEIRAS

Katia Rubio, Marcio Antonio Tralci Filho, Paulo Nascimento

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP – BRASIL

katrubio@usp.br

Apoio financeiro: Fapesp/ CNPq

Introdução: Uma das conquistas das mulheres no século XX alude à participação no esporte competitivo. Em época de grandes mutações, a transformação dos papéis femininos, bem como as atitudes e a percepção que as mulheres têm de si próprias, sofreram profundas transformações. A extensão desse exercício de gênero atinge as esferas social, econômica e política, e o esporte também passou a ser parte importante desse conjunto. Ainda assim não podemos dizer que já experimentamos tempos de respeito pela diferença entre gêneros. O predomínio da lógica de dominação masculina no esporte invalidou, durante séculos e décadas do século XX, a experiência atlética como uma busca feminina digna; a consequência dessa situação é que a mulher foi tida, por muito tempo, como invasora de um espaço masculino. A representação que se tem de feminilidade no esporte de alto rendimento é um processo múltiplo e complexo que envolve numerosos fatores como mídia, indústria da moda, patrocinadores e torcida.

Objetivos: Recuperar a memória das atletas olímpicas que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir o movimento da participação feminina no esporte de alto rendimento no Brasil. **Método:** Essa pesquisa utilizou como método as histórias de vida, com narrativas colhidas junto às atletas, pois ao descrever a substância social da memória, evidencia-se que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças; o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que faça permanecer aquilo que tem significado. Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da EEFÉ-USP sob o protocolo 2007/10. **Resultados e Conclusões:** O discurso da maioria das atletas aponta a aceitação de algumas situações postas como inerentes ou de ordem natural. Quando questionadas a respeito da diferença de prêmios ou de apoio material para treinos e competições, as respostas convergirem para um argumento já historicamente estabelecido: os homens começaram antes, treinam mais, e, portanto merecem prêmios melhores; os homens ganham mais, portanto têm mais destaque na mídia; e conseqüentemente, têm melhores patrocínios. Quando, então, são levadas a refletir sobre essa situação como algo construído histórica e socialmente, concordam sobre a injustiça, no entanto, não vislumbram alternativas em curto prazo. Atletas que afrontaram essa lógica são tomadas como uma iniciativa desejada, mas apenas como do âmbito do desejo. É nesse sentido que aproximamos o conceito de cordialidade da trajetória das mulheres olímpicas brasileiras, cordialidade esta pautada na ética de fundo emotivo, e que se mantém presente mesmo em situações ou atividades onde deveria prevalecer a lógica da racionalidade. Diferente das mulheres oriundas de outros continentes, a trajetória do movimento feminista no Brasil se assenta desidentificando-a do confronto. Se por um lado a mulher atleta é capaz de individualmente demonstrar combatividade na construção de sua carreira esportiva vencendo obstáculos tais como a falta de recursos, o assédio e a diferença de prêmios, por outro não foi ainda capaz de identificar essas questões como de ordem institucional.

Palavras-chave: olimpismo; mulheres; cordialidade;